



ONE, TWO, THREE! DIRECTOR, ACCOUNT AGAIN! A LOOK AT SCHOOL MANAGEMENT FOR THE POAZTICS OF THE AMAZON ORALITY IN SCHOOL.

UM, DOIS, TRÊS! DIRETORA, CONTA OUTRA VEZ! UM OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR PARA AS POÉTICAS DA ORALIDADE AMAZÔNICA NA ESCOLA.

Ana Selma Barbosa Cunha ¹

Paulo Nunes ²

Abstract: The role of storyteller, who works at the head of the management of a public school and the sewing of daily life through the poetics of the Amazonian oral tradition, supports this proposal; in assuming the management of the State School of Amazonas de Figueiredo in 2012, several challenges were overcome, among them: breaking traditionalist management paradigms and emphasizing socio-pedagogical work in a school that serves students from 1st to 5th year. Thus came the figure of the storyteller, who aimed to sew the daily life, using the word through the Amazonian imaginary, with narratives of Amazonian myths and so many more that came to be present in classes, on wheels in the playground and in the events, "globalizing", strengthening ties, through the understanding of the relevance of oral poetry as an important element forming the social imaginary and its fundamental presence in the curricula of Elementary School, which, besides being a pedagogical instrument, is made an exemplary form of communication that awakens sensibility and maintains ancestral and symbolic lit fires that are re-signified in the contemporary. To value the listener and the listener (which for ZUMTHOR (2010) "is part" of the performance) and becomes as important as the interpreter. The poetry emanating from oralized myths consists of what is shared and such sharing is a singular and irreversible act. Like the narrator, the listener plays a crucial role in the interaction of performance, with the clear goal of mobilizing feelings and sensations, as Zumthor says, striking and unique.

Keywords: Amazonian Poetic; School Management; Orality.

1 Licenciada Plena em Pedagogia (Ufpa), especialista em Psicologia Escolar com ênfase em Psicopedagogia (Uepa), especialista em Gestão Escolar (Ufpa). Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Unama). Bolsista Capes Especialista em Educação- SEDUC/Pa.E-mail: anaselmacunha@gmail.com

2 Possui graduação em Letras pela UFPA, mestrado em Letras: Teoria Literária pela UFPA e doutorado em Letras, Literaturas de Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É professor titular da Universidade da Amazônia. Professor da graduação em Letras; atua ainda como professor e orientador, no mestrado e doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura. E-mail: pontedogalo3@gmail.com

Resumo: O fazer de contadora de histórias, que atua à frente da gestão de uma escola pública e a costura do dia a dia por meio das poéticas da oralidade amazônica sustentam esta proposta; ao assumir a gestão da Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, em 2012, vários foram os desafios a superar, dentre eles: quebrar paradigmas tradicionalistas de administração e enfatizar o trabalho socio pedagógico em uma escola que atende alunos do 1º ao 5º ano. Assim surgiu a figura da contadora de histórias, que objetivava costurar o cotidiano, utilizando-se do fio da palavra através do imaginário amazônico, com narrativas de mitos amazônicos e tantas mais que passaram a fazer-se presentes nas classes, nas rodas no recreio e nos eventos, “mundiando”, fortalecendo laços, através da compreensão da relevância das poéticas orais como importante elemento formador do imaginário social e da sua fundamental presença nos currículos do Ensino Fundamental, que, para além de constituir-se instrumento pedagógico, faz-se forma exemplar de comunicação, que desperta a sensibilidade e mantém ancestrais e simbólicas fogueiras acesas que são ressignificadas no contemporâneo. Valorizar a escuta e o ouvinte (que para Zumthor (2010) “faz parte” da performance) e se faz tão importante quanto o intérprete. A poesia emanada dos mitos oralizados, constitui-se do que é compartilhado e tal partilha é um ato singular e irreversível. Assim como o narrador, o ouvinte tem papel crucial na interação da performance, com o objetivo claro de mobilizar sentimentos e sensações, como afirma Zumthor, marcantes e únicos.

Palavras – Chave: Poéticas Oraís Amazônicas; Gestão Escolar; Oralidade.

O FIO DA MEADA

No contexto escolar das séries iniciais do Ensino Fundamental é comum perceber-se ainda uma preocupação excessiva com o cumprimento de conteúdo a serem repassados durante o ano letivo. Isto, talvez, se dê devido a um planejamento em que não há o conhecimento dos alunos e suas necessidades e individualidades.

Cabe ressaltar que muitas vezes este procedimento é executado de forma a deixar de lado elementos que são fundamentais para a formação do aluno, como por exemplo, a ludicidade do pensamento, que é inerente à criança, e lhe caracteriza, mas, que às vezes acaba por ser “engessada” por conteúdos distanciados do contexto do imaginário infantil.

Tal situação se reforça, principalmente à medida em que os anos avançam, trazendo como fruto deste processo indivíduos insensíveis, com dificuldade de lidar com suas emoções e as de seus pares, através de um repertório de imagens internas

limitadas, o que se reflete não só em problemas de desenvolvimento cognitivo como em sua formação humanista.

Outro fator que pode prejudicar o despertar de uma aprendizagem que contribua para a formação ampla do indivíduo no ambiente escolar, é a ausência de oferta de possibilidades estimuladoras de interesses relativos às emoções, sensações e da percepção de si e do outro e, conseqüentemente, do mundo.

O que pode ser modificado através da educação do sensível². Faz-se necessário e urgente que a escola possibilite aos alunos o exercício da percepção do mundo por meio dos sentidos, sentidos estes que nos são tão básicos, mas que, como afirma Duarte Júnior, parecem anestesiados.

Os fatores acima citados tornaram-se inquietações ao logo de minha prática docente e ao assumir em 2012, a gestão da Escola Estadual Amazonas de Figueiredo³, tornaram-se mais latentes, mas era necessário propor o debate à comunidade escolar, e inicialmente, foi feito o levantamento das necessidades da escola e olhar atentamente para as suas problemáticas.

Há que se ressaltar que assumir a gestão naquele momento configurou-se como um grande desafio, pois a escola Amazonas de Figueiredo tinha acumulado problemas de ordens variadas: administrativa, financeira, de estrutura física e de gestão de pessoas, o que demandava intervenções urgentes.

A comunidade escolar foi chamada para tomar ciência das situações adversas às quais a escola estava passando e contribuir para a construção de soluções para as

2 Segundo Duarte Jr. (2012), vem ser o viés pelo qual o mundo é saboreado, percebido, sentido Fazendo-se urgente um fazer pedagógico que desperte os sentidos e as emoções e nos tire do estado anestesia citado por Duarte Jr e nos proporcione a estesia, isto é, o despertar dos sentidos, na visão de Duarte JR possibilitando aos educandos uma aprendizagem que compreenda o cognitivo e o afetivo, sensível.

3 Uma escola pequena entre prédios verticalizados, localizada no bairro de Batista Campos, Belém-Pará, Amazônia, Brasil; fundada há 72, nossa escola atende aproximadamente trezentos alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, distribuídos em dois turnos: manhã e tarde.

mesmas e assim foram elencados os objetivos a serem alcançados naquele momento inicial.

No que tange ao aspecto pedagógico, analisou-se que se fazia necessário modificar paradigmas educativos conteudistas e discutir com a comunidade escolar novas propostas de trabalho, bem como identificar o qual o papel da Escola Amazonas de Figueiredo no contexto espaço - social em que está inserida, bem como construir democraticamente uma proposta pedagógica que de fato representasse a realidade da escola.

Assim, segundo pensamos, os atores envolvidos no processo pedagógico, precisava-se reavaliar o papel social da escola Amazonas de Figueiredo. Chegou-se ao consenso de que sua grande relevância social estava na formação de sujeitos leitores, já que a escola atende alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental em nove anos, a partir daí, foram construídos projetos pedagógicos que voltaram sua atenção para a formação do leitor em sua plenitude, partindo-se do cotidiano da escola.

Foi criado um plano de ação para fortalecer as ações de leitura da escola, e foi proposto a introdução da narração de histórias⁴ como forma de valorizar o ancestral ato de narrar, e também valorizar as narrativas amazônicas.

Narrar histórias foi uma ação que passou a ser realizada e, cada vez, mais solicitada pelos alunos que demonstraram grande interesse, tornando-se ouvintes atentos e participativos às sessões de narração.

Diante do exposto, o presente artigo apresenta a experiência vivenciada na Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, entre os anos de 2012 a 2015, no qual, por meio da narração de histórias para os alunos do 1º aos 5º anos.

4 Atuo como narradora oral desde 2002, membro fundadora do Movimento de Contadores de histórias da Amazônia (MOCOHAM) e integrante da RIC – Rede Internacional de Contadores de Histórias)

Buscou-se consolidar a relevância das poéticas orais e em foco principal, as poéticas da oralidade amazônica, como elemento formador do imaginário social e sua fundamental presença nos currículos do Ensino Fundamental, em que, por incrível que pareça, o viés amazônico é muitas vezes relegado a terceiro plano.

Para além de constituir-se instrumento pedagógico, o ato de contar histórias na Escola Amazonas de Figueiredo fez-se uma fundamental forma de comunicação, que despertou a sensibilidade e manteve as ancestrais e simbólicas fogueiras das narrativas orais acesas no coração de cada um dos que participaram das rodas de histórias na escola.

SOBRE O GESTOR ESCOLAR

O gestor escolar deve buscar garantir que a escola, em sua diversidade, trabalhe para que seus alunos e comunidade possam ampliar o olhar para a realidade se percebendo como sujeitos capazes de agir de forma transformadora sobre a mesma e, assim, consiga potencializar as habilidades dos sujeitos envolvidos no fazer pedagógico.

Enquanto gestora escolar, observei a necessidade de revisitar a teoria sobre gestão escolar, visando dar força à minha prática na gestão. Quanto à atuação do gestor escolar (Veiga, 2003), destaca que:

[...] Identificar a estratégia do gestor no projeto político-pedagógico é, antes de mais nada, localizar os elementos que propiciam a investigação-ação que exige novas formas de organização, a combinação e utilização de várias técnicas investigativas. É certo que as inovações se desenvolvem na prática cotidiana, ou seja, realizam-se no processo de construção/ implementação dos projetos pedagógicos.

Além de procurar atender as demandas que a função de gestor exige como o da organização de todo o sistema escolar, planejamento de ações, questões financeiras

e administrativas convencionais, fazia-se necessário em nossa atuação dar atenção ao trabalho pedagógico de ensino-aprendizagem, buscando construir ações para que a formação de leitores acontecesse de forma consistente e efetiva, visando, assim, contribuir na formação dos indivíduos em sua amplitude e necessidade.

Foi construído o projeto “Formando sujeitos leitores” constituído de várias ações que objetivavam conquistar novos leitores como: Sacola Literária, que levava o acervo presente na escola para as salas de aula, pois a escola não possui biblioteca nem sala de leitura; Rodas de leitura em sala de aula; Janela Literária, uma janela feita especialmente para servir de portal mágico para as leituras em voz alta, quem a utilizasse perderia imediatamente o medo de ler em voz alta para os colegas de classe e também foi proposto o “Leitura no hall”, onde ficavam à disposição de todos acervo para leitura a qualquer momento.

Com o entendimento claro de que o gestor escolar não deve atuar apenas como um burocrata que lida apenas com documentos, gráficos e problemas, foi proposta uma ação que seria de responsabilidade da diretora recém-chegada, assumiria o papel de narradora fazendo incursões nas salas de aula, narrando sem cobranças, narrando para passar o conto à diante, mas tendo a clareza de que ele, o conto, não passa por nós sem dizer algo.

A repercussão desta ação não poderia ter sido melhor, houve, pois, uma grande aceitação por parte dos alunos, quando da primeira narrativa que foi um reconto do Mapinguary⁵ na turma do terceiro ano do Ensino Fundamental que foi muito receptiva e se permitiu percorrer a história narrada.

5 Mito amazônico, ser que parece um macaco gigante, mas que apresenta como característica marcante uma boca gigante na barriga e um grande olho no meio da testa, que habitaria a floresta e que se alimentaria de vísceras humanas A versão que narrei ouvi da boca de um narrador criança, que me marcou muito pela comicidade, diferente de tantas versões em que só é revelado a crueldade do Mapinguary.

Ao final da narrativa, estávamos rindo todos juntos numa atmosfera tão boa, quando uma aluna, de repente, disse: “diretora, conta outra vez!” E como este passou a ser um pedido recorrente nos mais diversos momentos de interação com as turmas, resolvemos adotar a expressão como do título do projeto de pesquisa, “Um, dois, três! Diretora, conta outra vez!”.

Foram narradas centenas de vezes, contos os mais diversos: clássicos da literatura universal e nacional, mas a mitopoética amazônica ganhou a preferência dos pequenos, não podiam ficar de fora a Cobra Grande, a Matinta Pereira e o Boto...

Ressalte-se que alguns alunos, principalmente os mais velhos, nos momentos de narração faziam questão de demonstrar que não estavam interessados na história apresentada, que eram indiferentes ao que estava sendo narrado, mas no decorrer da narração era perceptível suas “entregas” ao processo.

Quando a trama os prendia e não os deixava permanecer na inicial indiferença: olhos atentos, sorriso aberto, expressão de leveza e com o passar do tempo, alguns destes alunos passaram a ser os primeiros a pedir aos colegas que silenciassem para ouvir a história que seria apresentada observou-se também que após os momentos de narração, o grupo de alunos ficava mais próximo, caracterizando um aconchego próprio das rodas de histórias tradicionais.

Sabe-se que o ser humano sempre procurou viver agrupado, inicialmente, para protegerem-se dos perigos que lhes espreitavam; assim estar junto era uma forma de garantir a sobrevivência da espécie, e o que se presencia na atualidade, quando das rodas de histórias, é o aconchego, a troca de afeto, proporcionado pelas vozes que se desfiam no ar e chegam ao corpo dos ouvintes, que os interpreta e o ressignifica conforme suas expectativas e sentimentos.

O LUGAR DO SENSÍVEL NA ESCOLA

A escola, do modo como entendemos, se apresenta como um espaço de construção de relações importantes para a formação do indivíduo e da coletividade. Meira e Pillotto (2010) destacam que, na escola:

[...] são construídas relações de alegria e tristeza, competição, frustração, entre tantos outros sentimentos que formam as redes de emoção. Essas redes precisam ser realimentadas constantemente por meio de laços afetivos, que envolvem os aspectos cognitivos e sensíveis. Se, por um lado, a escola, nessas últimas décadas, vem cada vez mais implementando suas ações pedagógicas por meio de novas tecnologias comunicacionais, por outro vem perdendo consideravelmente a dimensão afetiva, indispensável aos processos de aprendizagem.

Percebe-se, então, a necessidade de que na escola sejam implementadas ações que venham a contribuir para o fortalecimento de laços de afetividade e subjetividade dos educandos inclusive, procurando cumprir o que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Seção III, artigo 32, que trata especificamente do Ensino Fundamental, ressalta a relevância desta formação para além do meramente cognitivo quando diz que deve-se proporcionar:

III o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Segundo a LDB é papel da escola preparar para a vida em sociedade. Na mesma direção aponta o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica, que em seu texto introdutório amplia ainda mais a necessidade de que as escolas contribuam para uma formação global do indivíduo:

A Educação Básica (...) é o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se portando, exigências do projeto educacional (MEC, SEB, DICEI, 2013).

Como podemos observar, o aspecto sensível não pode ser deixado de lado em detrimento do aspecto cognitivo, compreendendo-se que ambos são de grande importância para a formação do indivíduo. Duarte Jr., afirma que:

A beleza, ou o seu sentimento, origina-se nos domínios do sensível, esse vasto reino sobre o qual se assenta a existência de todos nós, humanos. Reino, contudo, desprezado e até negado pela forma reducionista de atuação da razão, segundo os preceitos do conhecimento moderno. O inteligível e o sensível vieram, pois, sendo progressivamente apartados entre si e mesmo considerados setores incomunicáveis da vida, com toda a ênfase recaindo sobre os modos lógico-conceituais de se conceber as significações. No entanto, em larga medida a nossa atuação cotidiana se dá com base nos saberes sensíveis de que dispomos, na maioria das vezes sem nos darmos conta de sua importância e utilidade. Movemo-nos entre as qualidades do mundo, constituídas por cores, odores, gostos e formas, interpretando-as e delas nos valendo para nossas ações, ainda que não cheguemos a pensar sobre isto (Duarte Jr., 2000).

Educar o sensível, educar “para o sensível” é espertar para o mundo em sua plenitude, por meio dos sentidos e perceber, de fato, o mundo em todas as suas nuances.

No caminho a ser trilhado para uma “educação do sensível”, o ato de narrar histórias tem se apresentado como uma possibilidade concreta para o fortalecimento das relações interpessoais entre os sujeitos envolvidos no processo educacional, assim como configura uma possibilidade de manter uma conexão com um saber ancestral que poderá ser levado para as demais fases do desenvolvimento dos educandos.

Narrar histórias, pelo que temos sentido, é um ato agregador, que possibilita o olhar nos olhos, momento de comunhão de sentimentos e sensações, em que o ouvinte é conduzido para dentro não só de uma história, mas para suas imagens internas, oportunizando-se, assim, a criação/ampliação da imaginação.

Segundo Sandra Richter (2006), a imaginação é geradora, não apenas de formas, mas de valores e qualidades que apelam para a sensibilidade, uma sensibilidade que diz respeito ao nosso poder de escuta ao sermos olhados pensados e imaginados pelo mundo.

CONTAR HISTÓRIAS NA ESCOLA?

Em cada um de nós habita uma palavra que “lateja”, que precisa ser dita, comunicada; trata-se de uma necessidade humana contar, narrar, dizer. Narrar histórias é uma ação que faz parte do passado cultural da humanidade e é integrante da natureza humana.

No entanto com as transformações vividas pela humanidade nos últimos cem anos, chegou-se a acreditar no fim da capacidade de narrar histórias. Walter Benjamin, em 1936, no contexto europeu do entre guerras, cogitou, no ensaio “O Narrador”, a morte da narrativa:

“(...) É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações de experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. (...) No final da guerra observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha nada em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.” (Benjamin, 1987).

Em “Experiência e pobreza” Benjamin levantou uma série de questionamentos a partir da morte do narrador como veremos a seguir:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1994).

Tais questionamentos reportam à percepção de que a arte de narrar era repassada naturalmente, pela experiência, em que se dava a junção da memória individual com a memória coletiva e, o narrador, o responsável pela formação das gerações. Mas a arte de narrar, ao contrário, não se extinguiu se reconfigurou, Patrini afirma sobre a renovação do conto oral que:

No final dos anos 60, na França, os primeiros sinais de uma renovação do conto oral pareciam coincidir com o movimento da tomada da palavra popular. Foi neste ambiente e a partir desta nova forma de olhar o homem, a sociedade e suas manifestações que o movimento de maio de 1968 estimulou, a reabilitação do conto e a produção de uma oralidade em reação às artes estabelecidas. Assim a partir de 1968, o oral emergiu por meio dos novos contadores de histórias na França e em diversos países da Europa e a América do Norte. A biblioteca entre outros, seria o lugar da emergência do conto e da prática do dizer e do contar histórias. (Patrini, 2005)

O contador, bem recentemente, retomou a importância do ato de contar e ouvir histórias e passou a levar as narrativas para os mais diversos espaços da cidade: parques, praças, ruas, hospitais, ônibus, restaurantes etc., como ressalta Regina Machado, (...) ninguém mandou, não é uma moda importada; parece um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética adormecida, uma solidariedade não mais do que básica, num mundo de cabeça para baixo (Machado, 2004). No Brasil, segundo Patrini, este movimento se deu:

A partir dos anos 80, no Brasil, os bibliotecários desenvolveram um trabalho sobre o conto oral e a arte de contar. A “hora do conto” ganhou grande impulso nas bibliotecas públicas e escolares, bem como nas salas de leitura. No entanto, nesta época, a transmissão e a recepção do conto oral tinham como objetivo principal aproximar a criança do livro. (...) No início, não nos referíamos a profissionais, muito menos a profissionais da arte de contar. Para a maioria dos brasileiros, a figura do contador de histórias estava estreitamente ligada a figura do contador tradicional. A partir dos anos 90, (...) novas abordagens das práticas orais tem se tornado realidade, às quais as relacionadas à arte de contar. (Patrini, 2005)

No mundo contemporâneo, afeito a diversas manifestações estéticas difusas e múltiplas, o narrador ressurgiu como um integrador de mundos por meio da palavra, não mais sendo o narrador rural ou tradicional que recontava as histórias ancestrais, que ouvia da boca de outro narrador, mas aquele que reconta as narrativas que foi buscar nos livros, em bibliotecas e a elas imprimiu suas características como narrador, assim, surge a figura do narrador contemporâneo, que narra em praças, escolas, hospitais, livrarias, eventos públicos e privados etc.

Mas, se o ato de narrar ressurgiu e o narrador refez seu ofício é porque houve e, há ainda, aquele que está disposto a ouvir e se deixar conduzir pelas histórias - o ouvinte, para Paul Zumthor (2010):

O ouvinte “faz parte” da performance. O papel que ele ocupa, na sua constituição, é tão importante quanto o do intérprete. A poesia é então o que é recebido; mas sua recepção é um ato único, fugaz, irreversível... individual porque se pode duvidar que a mesma performance seja vivida de maneira idêntica (exceto, talvez, em ritualização rigorosa ou transe coletivo) por dois ouvintes; e o recurso posterior ao texto (se há texto) não a recria.”

O ouvinte tem, assim como o narrador, papel crucial na *performance*, que para Zumthor vem a ser ao mesmo tempo, um elemento e o principal fator constitutivo. Instância de realização plena, a *performance* determina todos os outros elementos formais que, com relação a ela, são pouco mais virtualidades (Zumthor, 2010).

A *performance* é tramada na direção do ouvinte, com o objetivo claro de lhe alcançar, de mobilizar seus sentimentos e sensações, mas estas serão, como afirma Zumthor, individuais e esta proposta de pesquisa visa a compreensão de como ocorre este processo de recepção no interior da escola e se as mudanças lúdicas propostas alcançaram o êxito desejado.

Sabe-se, no entanto, que numa observação inicial e de certo modo prematura, um dos espaços em que a arte da narrativa vem se fortalecendo desde o seu “redespertar” é a escola, espaço, que se bem trabalhado, pode ser múltiplo e fascinante cenário aberto à pesquisa de interações significativas entre pessoas e instituições situadas aquém e além do domínio do pedagógico, embora sempre relacionadas ao universo da educação (Brandão, 2002).

Sendo a escola um lugar de tessituras de culturas e troca de saberes o ato de narrar no espaço escolar, por meio do viés da educação do sensível, tem em si um grande potencial de intercambiar saberes e revelar possibilidades de conhecimentos de si e do outro por meio da voz e da escuta.

A RODA GIRA, GIRA O MUNDO

Nas rodas de narração de histórias na Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, o fio da palavra proporcionou encontros nos quais a narradora e seus cúmplices-ouvintes trocaram afetos e correspondências, olhares e silêncios; assim, Botos, Matintas, Curupiras, Iaras, Mapinguarys e tantos outros foram se alojando na epiderme de quem participava das rodas, povoando as salas de aula e transbordando para todos os espaços da escola e até mesmo para além de seus muros.

A comunidade escolar pode rever suas práticas e decidiu investir em sua identidade social de formadora de leitores e, conseguiu ao passar dos anos, sem uma cobrança desmedida, mas como resultado do trabalho proposto, paulatinamente, obter, inclusive, como consequência e não como meta, a melhora de indicadores externos a Prova Brasil, realizado com as turmas de quinto ano, onde o IDEB da escola foi elevado de 4.1 em 2013 para 4.7 em 2015.

Com o projeto de formação de leitores e todas as ações já mencionadas na Escola Estadual Amazonas de Figueiredo, no período de 2012 a 2015, percebeu-se que o

cotidiano da escola foi sendo permeado pelas poéticas da oralidade, pois foram quase uma centena de sessões de narração de histórias ocorridas em sala de aula e em eventos na escola, sendo as narrativas amazônicas as preferidas dos alunos.

Assim é que se percebeu a formação de plateias atentas e receptivas para todas as ações envolvendo as poéticas da oralidade na escola e fora dela.

CONSIDERAÇÕES

Sem a pretensão de concluir, porque este ciclo está longe de fechar-se, haja vista que a vivência com narração de histórias na Escola Estadual Amazonas de Figueiredo suscitou várias inquietações e despertou a curiosidade e a necessidade de, por meio do caminho da pesquisa, procurar compreender porque um ato tão antigo com marcas de ancestralidade, como o de narrar histórias, mobiliza as emoções de tal forma que o narrador pode ser capaz de levar o ouvinte a identificar-se, a transportar-se, a sentir cheiros, ouvir sons inaudíveis e enxergar imagens que se materializam para além da realidade concreta e palpável.

Há que se ressaltar que as ações para a formação de sujeitos leitores na escola só tiveram êxito pela união de esforços da comunidade escolar: professores, equipe técnica, direção e pais em torno do objetivo comum de contribuir para a aprendizagem com qualidade dos alunos.

A partir do momento em que a comunidade escolar redefiniu seus objetivos, identificou seu papel social dentro da comunidade e sua função primordial de formadora de leitores, as ações foram pensadas e realizadas para este fim e a aprendizagem melhorou cada vez mais no decorrer dos anos e teve como consequência, inclusive, a melhora no IDEB da escola.

O ato de contar histórias na Escola Estadual Amazonas de Figueiredo foi a “costura” feita pela direção da escola como forma de contribuir no processo de aprendizagem dos alunos, sendo tecida a cumplicidade a cada nova história narrada.

A relação alunos e direção se resignificou, passando a ser de amizade, de vontade de estar perto, de troca de afeto e reciprocidade.

O narrar histórias no interior da escola contribuiu para o despertar da sensibilidade, o que propiciou a possibilidade de fortalecer a humanidade de cada um, sensibilidade adormecida no sono profundo do cotidiano massificador e alienante, que faz esquecer nossos sentidos e nos impede de ver, cheirar, degustar, tocar e ouvir o mundo que nos cerca e as particularidades de nossos pares, pessoas com que partilhamos a vida.

REFERÊNCIAS

Benjamin, W. (1994). *O narrador*. considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Benjamin, W., *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (p. 197-221). São Paulo, SP: Brasiliense.

_____ (1994). *Experiência e pobreza*. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (114-119). São Paulo, SP: Brasiliense.

BRASIL. (2013). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização, Diversidade e inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação **Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICE.

BRASIL. (1996). Lei 9.394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. DOU 23.12.1996.

Duarte Jr., J. F. (2017). *O sentido dos sentidos: A educação dos sentidos disponível em* <
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253464/1/Duarte%20Junior,%20Joao%20Francisco_D.pdf acesso em 25 de maio de 2017.

_____ (2012). Entrevistadora: Carla Carvalho. Entrevista concedida à revista eletrônica Contrapontos.

Machado, R. (2004). *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo, SP: DCL.

Meira, M. R. & Pillotto, S. S. D. (2010). *Arte, afeto e educação: A sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre, RS: Mediação.

Patrini, M. L. A. (2005). *Renovação do conto: a emergência de uma prática oral*. São Paulo, SP: Cortez.

Veiga, I. P. A. (2003). Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? *Caderno. Cedes, Campinas*, 23(61), 267-281.

Zumthor, P. (2010). *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida – Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.